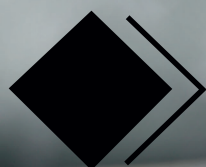


José Carlos de Melo
Ione da Silva Guterres
Josélia de Jesus Araujo Braga de Oliveira
(Organizadores)

INTEGRANDO
SABERES & FAZERES
NA EDUCAÇÃO BÁSICA



editora
científica digital



EDITORA CIENTÍFICA DIGITAL LTDA
Guarujá - São Paulo - Brasil
www.editoracientifica.org - contato@editoracientifica.org

Diagramação e arte	2022 by Editora Científica Digital
Equipe editorial	Copyright© 2022 Editora Científica Digital
Imagens da capa	Copyright do Texto © 2022 Autores e Autoras
Adobe Stock - licensed by Editora Científica Digital - 2022	Copyright da Edição © 2022 Editora Científica Digital
Revisão	Acesso Livre - Open Access
Autores e Autoras	

Parecer e revisão por pares

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Editora Científica Digital, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

O conteúdo dos capítulos e seus dados e sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores e autoras.

É permitido o download e compartilhamento desta obra desde que pela origem da publicação e no formato Acesso Livre (Open Access), com os créditos atribuídos aos autores e autoras, mas sem a possibilidade de alteração de nenhuma forma, catalogação em plataformas de acesso restrito e utilização para fins comerciais.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial-Sem Derivações 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

I61

Integrando saberes e fazeres na educação básica / José Carlos de Melo (Organizador), Ione da Silva Guterres (Organizadora), Josélia de Jesus Araujo Braga de Oliveira (Organizadora). – Guarujá-SP: Científica Digital, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5360-166-6

DOI 10.37885/978-65-5360-166-6

1. Educação. I. Melo, José Carlos de (Organizador). II. Guterres, Ione da Silva (Organizadora). III. Oliveira, Josélia de Jesus Araujo Braga de (Organizadora). IV. Título.

CDD 370

Índice para catálogo sistemático: I. Educação

Elaborado por Janaina Ramos – CRB-8/9166

E-BOOK
ACESSO LIVRE ON LINE - IMPRESSÃO PROIBIDA

2022

SUMÁRIO

CAPÍTULO 01

(RE) VISITANDO O PROCESSO SOCIAL E HISTÓRICO QUE PERMEARAM A HISTÓRIA DA CRIANÇA E DA INFÂNCIA

Josélia de Jesus Araujo Braga de Oliveira

 [10.37885/220709456](https://doi.org/10.37885/220709456) 10

CAPÍTULO 02

EDUCAÇÃO INFANTIL: O CENÁRIO DO SURGIMENTO DAS CRECHES

Aline Serra de Jesus; Tyciana Vasconcelos Batalha; Waleria Lindoso Dantas Assis

 [10.37885/220809702](https://doi.org/10.37885/220809702) 29

CAPÍTULO 03

VIVÊNCIAS LÚDICAS COM JOGOS, BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS NA PRÉ-ESCOLA PARA COMPARTILHAMENTO DE EXPERIÊNCIAS DOCENTES NO CONTEXTO DA ZONA RURAL DE SÃO LUÍS - MA

Ione da Silva Guterres

 [10.37885/220709310](https://doi.org/10.37885/220709310) 39

CAPÍTULO 04

DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONSTRUINDO A IDENTIDADE PROFISSIONAL DAS EDUCADORAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL EM UMA REDE PÚBLICA MUNICIPAL MARANHENSE

José Carlos de Melo

 [10.37885/220709319](https://doi.org/10.37885/220709319) 52

CAPÍTULO 05

AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS & OS CONTEXTOS DAS INSTITUIÇÕES EDUCATIVAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL: EXPERIÊNCIAS QUE DIALOGAM!

Ivone Guterres Ribeiro; Thalyta Machado Froes

 [10.37885/220709379](https://doi.org/10.37885/220709379) 69

CAPÍTULO 06

ROMEIRO DA ALEGRIA: AS BRINCADEIRAS INFANTIS EM ESPAÇOS RELIGIOSOS NA CIDADE DE SÃO JOSÉ DE RIBAMAR – MA

Hellyoyse Brandão Marques; Angela Suely Souza Franco da Silva; Maria Inês Castro Nascimento; Rosyane de Moraes Martins Dutra

 [10.37885/220709607](https://doi.org/10.37885/220709607) 82

CAPÍTULO 07**BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: EM FOCO A PARTICIPAÇÃO DOCENTE PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA PEQUENA**

Antonia Mota de Sousa Santana

doi 10.37885/220709575..... 100**CAPÍTULO 08****O QUE É, O QUE É: CONCEPÇÕES DE DOCENTES DA EDUCAÇÃO INFANTIL ACERCA DA INFÂNCIA E DA CRIANÇA**

Edvan Gonçalves Gomes; Geovane Coelho de Andrade; Marcos Aurélio Moreira Franco

doi 10.37885/220809697..... 117**CAPÍTULO 09****ROTINA, CRIANÇAS E EDUCAÇÃO: DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS A PARTIR DAS ROTINAS APLICADAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Natasha Maria Fernandes de Lima

doi 10.37885/220809664..... 129**CAPÍTULO 10****AValiação como instrumento propulsor do ensino e aprendizagem**

Williames Faro Ribeiro; Maria Elizabete Braga da Silva; Sarah Lopes Nascimento; Jéssica do Socorro Leite Corrêa; Raul da Silveira Santos

doi 10.37885/220809666..... 135**CAPÍTULO 11****AS PRINCIPAIS DIFICULDADES DOS DOCENTES NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM AUTISMO**

Lucila da Silva Campos; Regina Maria Melo

doi 10.37885/220609122..... 147**CAPÍTULO 12****A REFLEXÃO COMO PRÁTICA CONSTANTE DA PROFESSORA NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Aline Freire de Souza Aguiar; Joice Araújo Esperança

doi 10.37885/220709555..... 159**CAPÍTULO 13****OS DESAFIOS PARA A EFETIVAÇÃO DA GESTÃO DEMOCRÁTICA: AS VOZES DOS GESTORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE SÃO MATEÚS DO MARANHÃO- MA**

Cintia Viviane Araujo Brag Carvalho; Rosália Do Socorro Araujo Braga; Iarlete Araujo Braga

doi 10.37885/220709629..... 169

CAPÍTULO 14**POLÍTICAS DE COTAS NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS: REALIDADE OU UTOPIA?**

Rosa Maria Rodrigues Barros; Mara Cristina Piovesan Cortezia; Joyce Mayumi Shimura; Marta Maria Gonçalves Balbé Pires

doi 10.37885/220709637 183**CAPÍTULO 15****RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA E AS IMPLICAÇÕES NA FORMAÇÃO DO LICENCIANDO EM MATEMÁTICA**

Vlademir Marim; Beatriz de Souza Lima Garcia

doi 10.37885/220609160 207**CAPÍTULO 16****A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA POLÍTICA PÚBLICA PARA A EDUCAÇÃO OU UMA ESTRATÉGIA PARA A POLÍTICA PARTIDÁRIA?**

Eliane Oliveira Santos Araújo; Gleiva Giuvannucci

doi 10.37885/220809663 226**CAPÍTULO 17****PROMOÇÃO E PREVENÇÃO DA SAÚDE NA ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL**

Bento Lucio da Conceição ; Regina Maria de Melo

doi 10.37885/220709598 239**CAPÍTULO 18****O CURRÍCULO NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL**

Nilson Gomes Ferreira; Antônia da Silva Mota

doi 10.37885/220709336 256**SOBRE OS ORGANIZADORES 277****ÍNDICE REMISSIVO 278**

Avaliação como instrumento propulsor do ensino e aprendizagem

| **Williames Faro Ribeiro**

Universidade Federal do Pará - UFPA

| **Jéssica do Socorro Leite Corrêa**

Universidade Federal do Pará - UFPA

| **Maria Elizabete Braga da Silva**

Universidade Federal do Pará - UFPA

| **Raul da Silveira Santos**

Universidade Federal do Pará - UFPA

| **Sarah Lopes Nascimento**

Universidade Federal do Pará - UFPA

RESUMO

Objetivo: O artigo discute a Avaliação Educacional na perspectiva de uma professora do 1º ciclo (3º ano) do Ensino Fundamental de uma escola do município de Capanema-Pará, com o objetivo de investigar como se dá o processo de avaliação da aprendizagem na prática educativa no 1º ciclo (3º ano) do Ensino Fundamental. **Métodos:** A abordagem é de cunho qualitativo, sendo efetivado no processo método lógico a pesquisa bibliográfica e de campo, utilizando a entrevista semiestruturada como instrumento para a coleta de dados, que serão analisados dialogando como autores que discutem o tema. **Resultados:** Na visão da docente, deve ser diagnóstica processual e contínua, pois possibilita acompanhar o aluno, perceber suas eventuais dificuldades e intervir, de forma que este aluno possa superar essas dificuldades e evoluir na aprendizagem. **Conclusão:** A avaliação como propulsora da aprendizagem, assume um caráter fundamental no processo educativo.

Palavras-chaves: Educação, Anos Iniciais, Avaliação da Aprendizagem.

■ INTRODUÇÃO

Um dos temas polêmicos dentro do universo educacional é a avaliação. Em decorrência de padrões históricos-sociais ela se posicionou de outra maneira, no sentido de medir os esforços dos alunos. Dessa forma, para Afonso (2005, p.165-166) “a avaliação no ensino assumiu a prática de “provas e exames”; o que gerou um desvio no uso da avaliação. Em vez de ser utilizada para a construção de resultados satisfatórios, tornou-se um meio para classificar os educandos. Porém, a avaliação é um assunto bastante complexo e não está somente ligada a educação, e sim em todas as práticas humanas, ou seja, “em nossa casa, avaliamos o alimento que estamos fazendo quando provamos seu sabor” (AFONSO, 2005, p.165). As práticas avaliativas são de suma importância no processo educativo, pois possibilitam ao professor na sua prática, em situações diversas, promover um ensino de qualidade e uma aprendizagem que seja significativa para os educandos.

A avaliação deve ser diagnóstica, processual e contínua, possibilitando um acompanhamento do avanço do aluno na aprendizagem (FILHO, *et al*, 2012). Como afirma (AFONSO, 2005, p. 166) “A avaliação da aprendizagem necessita, para cumprir o seu verdadeiro significado, assumir a função de subsidiar a construção da aprendizagem [...]”. Dessa forma, a avaliação não deve ser autoritária, mas propulsora da aprendizagem, visando o crescimento do aluno no processo educativo.

Na compreensão da avaliação como concepção epistemológica, ela se encontra como um ato de investigar a qualidade da realidade, além do mais, ao longo da história desde a antiguidade grega até os dias atuais têm sido debatidas nas práticas humanas,

“Através de duas compreensões históricas fundamentais: uma delas, visão antiga e medieval, concebendo o valor (qualidade) como constitutiva da realidade e, a outra, moderna e contemporânea, compreendendo o valor (qualidade) como uma atribuição feita à realidade pelo ser humano” (LUCKESI, 2018, p.33).

Percebe-se que a concepção de valor era entendida como algo presente e vivente da realidade daquela época, já na contemporaneidade o valor é de domínio do ser humano, além disso essas concepções não podem medir o valor absoluto, em diferentes momentos elas vieram a contribuir para aquele contexto.

Desta feita, surge a seguinte questão problema: Os responsáveis pela execução do ato avaliativo possuem real consciência da forma aplicada para efetivação do processo de avaliação da aprendizagem? Assim sendo, o artigo objetiva investigar como se dá o processo de avaliação da aprendizagem na prática educativa no 1º ciclo (3º ano) do Ensino Fundamental. Os objetivos específicos são os seguintes: analisar o conceito trabalhado pela

docente referente a temática aqui explícita e enfatizar possíveis mudanças que poderiam ser feitas pela professora em sua prática cotidiana no processo de avaliação da aprendizagem.

Este trabalho manifesta-se a partir da necessidade de busca infindável por melhores e mais justas práticas dentro do contexto escolar, enfatizando que a relação Professor-aluno, a tempos, deixou de ser meramente num sentido vertical e que se faz realidade no cotidiano da escola, sendo assim buscar-se-á aqui que práticas errôneas deixem de acontecer e que cada vez mais práticas assertivas para o crescimento e fortalecimento de ambos os sujeitos envolvidos nessa prática aconteçam. Nesse sentido, serão feitas reflexões que surgem a partir das próprias experiências vividas durante a pesquisa.

O presente artigo divide-se em 8 tópicos, sendo eles: resumo, introdução, métodos, resultados, discussão, conclusão, agradecimentos e referências.

■ MÉTODOS

Procedimento teórico metodológico

A pesquisa bibliográfica contou com autores que discutem a temática. Como afirma, Gil (2008, p.50) “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquele que poderia pesquisa diretamente”. Permitindo, assim, uma visão mais ampla no estudo da avaliação educacional a que o artigo se propõe. Já a pesquisa de campo oportuniza observar e ter um contato com o ambiente pesquisado. Ademais, Gil (2008, p. 57) afirma que,

O planejamento do estudo de campo apresenta muito maior flexibilidade, podendo ocorrer mesmo que seus objetivos sejam reformulados ao longo do processo de pesquisa [...]. [...] o estudo de campo tende a utilizar muito mais técnicas de observação [...].

Assim sendo, ir a campo possibilita um maior envolvimento com os sujeitos e os fenômenos pesquisados para análise efetiva de prática e teoria.

Foi utilizada entrevista como instrumento de coleta de dados. A entrevista “é bastante adequada para obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, crêem, esperam, sentem, ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram [...]”. (SELLITIZ *et al.*, 1967, p.273 apud GIL, 2008, p.109). Dessa forma, a entrevista é uma técnica que favorece a obtenção de informações no campo da pesquisa.

Processo metodológico

Foram realizadas pesquisas de cunho bibliográfico e de campo. Na pesquisa bibliográfica buscou-se teóricos que discutem a avaliação educacional. Já a pesquisa de campo foi realizada em uma Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental no município de Capanema – Pará aqui utilizar-se-á o nome fictício de Escola SOL, tendo como sujeito da pesquisa a professora LUZ (nome fictício) do 1º ciclo (3º ano) do Ensino Fundamental. A pesquisa é de abordagem qualitativa por tratar-se de fenômenos educacionais, “ela se preocupa, nas ciências sociais, com nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados.” (MINAYO, 1994, p.21). Ademais, a abordagem qualitativa nos permite interpretar a subjetividade humana e fenômenos advindos do processo educativo.

Para subsidiar o artigo foi realizada uma entrevista semiestruturada com as seguintes perguntas:

1. O que é avaliar para você?
2. Como é o seu modo de avaliar?
3. Nos cursos de formação continuada oferecidos pela prefeitura, discute-se a avaliação da aprendizagem?
4. Que atitudes você toma diante dos resultados obtidos pela avaliação?
5. Qual o seu ponto de vista sobre o método de avaliação desta instituição?

Após a coleta de dados, os dados foram tratados utilizando-se da análise do conteúdo, baseado no material de Laurence Bardin. Buscando assim, aprofundamento naquilo que fora respondido na entrevista semiestruturada já apresentada, onde segundo a própria autora a utilização dessa ferramenta que,

Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito grande: as comunicações. (BARDIN, 1979, p.31, apud RIBEIRO, 2019, p.32)

Assim sendo, o trabalho será realizado obedecendo a seguinte ordem: criação das perguntas para a entrevista semiestruturada, aplicação da mesma, obtenção de respostas e análise detalhada de cada resposta obtida.

Segundo Eliana de Oliveira *et al* (2003, p 3)

A abordagem de análise de conteúdo tem por finalidade, a partir de um conjunto de técnicas parciais, mas complementares, explicar e sistematizar o conteúdo da mensagem e o significado desse conteúdo, por meio de deduções lógicas e justificadas, tendo como referência sua origem (quem emitiu) e o contexto da mensagem ou efeitos dessa mensagem.

Logo, pretende-se apresentar elementos das respostas da professora entrevistada, que evidenciam a sua concepção de trabalho no processo da avaliação da aprendizagem, utilizada pela mesma dentro da sala de aula ou imposta pelo órgão superior, neste caso a escola em que a mesma exerce a função de docente. Evidenciando práticas que podem ser revistas pela mesma, caso os autores desta obra vejam esta necessidade.

■ RESULTADOS

A docente que fora entrevistada é formada em Licenciatura em Pedagogia, já atua na Educação Básica a cinco anos e possui até agora, duas Pós-graduação, sendo uma de Educação Especial e Inclusiva e a outra de Gestão Educacional, para manter sigilo, irá ser chamada de professora *LUZ*.

Respondendo à pergunta 1, sobre o que é avaliar para a mesma, a professora *LUZ* (2022) responde que:

A gente faz uma verificação da aprendizagem do aluno. Antes a avaliação era feita como uma forma de excluir mesmo. Hoje não, hoje a gente vai verificar a aprendizagem a partir da necessidade desse aluno que a gente trabalha. Através de uma avaliação diagnóstica, feita desde o primeiro momento que este aluno entra na sala de aula.

Na resposta da pergunta 2, que é relacionada ao seu modo de avaliar, ela relata que :

Como nós temos uma diversidade muito grande tem alunos que chegam no terceiro e ele ainda está no nível silábico, e já tem aluno que já está no nível alfabético. Então tem que trabalhar de forma diversa. A gente se sente em um multisseriado, quando estamos fazendo as atividades a gente se pega fazendo três atividades ou mais, então a gente usa metodologias diferentes. (PROFESSORA LUZ, 2022)

Indagada pela pergunta 3, sobre os cursos de formação continuada oferecidos pela prefeitura, a entrevistada fala:

A gente trabalha com parecer, com relatórios, tem um caderno que é sempre cheio de anotações. Então a partir do momento que a gente faz a avaliação, é como eu falei né, pra mim é uma avaliação contínua. Todos os dias tá avaliando, tá percebendo qual a dificuldade desse aluno. E a partir deste momento tu vai tentar fazer intervenções. Cada um vai apresentar uma dificuldade, eu deixo tudo anotado. (PROFESSORA LUZ, 2022)

Questionando a professora, na pergunta 4, em relação as atitudes que a mesma toma diante dos resultados obtidos pela avaliação, ela diz que:

Digamos que o aluno apresente dificuldade na divisão, multiplicação ou na leitura de uma sílaba mais complexa. Todos os dias eu trabalho com eles a leitura. Eles são muito inteligentes, não tem problema em aprender o conteúdo, o que eles sentem dificuldade é na leitura questão da leitura mesmo. Todos os alunos que já conseguem ler bem.... Quando eu digo ler, é ler e compreender, né somente decodificar. Todos esses alunos, tu passas uma atividade pra eles, ele baixa a cabeça... Tá aqui professora...É questão de... Em meia hora já acabou a atividade avaliativa. (PROFESSORA LUZ, 2022)

A professora LUZ, quando questionada do seu ponto de vista sobre o método de avaliação da instituição, relata a seguinte resposta: “na primeira reunião, contato, com os professores o diretor pede a avaliação diagnóstica e tem que existir essa avaliação contínua, temos esse norte e a partir disso sabemos como trabalhar a avaliação. ”

Ainda em seu relato, continua respondendo à pergunta 5:

Existe aqui na escola aquele projeto aluno destaque, que é um projeto que também serve como avaliação do aluno, onde além de ser feita a diagnose em sala de aula para ver onde está o nível de alfabetização, o diretor também chama cada aluno para ver como está a leitura dele, e também o diretor faz uma diagnose com observações, que muitas vezes é similar a nossa diagnose, como se tivéssemos combinado, ou quando ele nota algo que eu não notei. (Professora LUZ,2022)

Sendo assim, serão analisados os elementos presentes nestas falas, no tópico a seguir, dialogando com autores diversos que discutem sobre o assunto tratado neste artigo, avaliação da aprendizagem, através das práticas cotidianas de uma escola e mais especificamente da prática educativa de uma professora no 1º ciclo (3º ano) do Ensino Fundamental.

■ DISCUSSÃO

Na possibilidade de entender a avaliação educacional, verificamos que a docente em sua prática entende que o ato avaliativo assume um caráter principal dentro de sala de aula, já que a professora esclarece que é feito uma avaliação diagnóstica de cada aluno para saber em que nível cada um se encontra, e só assim, verificando os níveis, que a docente irá desenvolver sua prática avaliativa.

Para a professora a avaliação parte da observação do nível de cada aluno, percebendo que “avaliação por si é um ato acolhedor, integrativo, inclusivo [...] na medida em que a avaliação tem por objetivo diagnosticar e incluir o educando, pelos mais variados meios, no curso da aprendizagem satisfatória, que integre todas as suas experiências de vida” (LUCKESI, 2001, p. 173 apud STAINLE, SOUZA, 2017, p.70). Objetivando, criando e apresentando métodos de avaliação inclusivos.

Avaliação de caráter diagnóstica

Por isso, que a professor prefere avaliar seu aluno por meio de um diagnóstico para poder medir o aluno no decorrer do ano, dessa forma, precisa-se “compreender e reconduzir a avaliação numa perspectiva construtivista e libertadora” (HOFFMAM, 2009, p.28). Além disso, a avaliação parte do princípio de ser integradora tanto para o docente quanto para o discente, ou seja, se bem trabalhada a avaliação dentro de sala de aula torna-se ferramenta de suma importância para o desenvolvimento educacional do aluno.

A autora Schwartz (2009 p. 3) explica que:

Sendo assim, uma avaliação diagnóstica deveria se constituir em um instrumento que possibilite o professor observar como as crianças se inter-relacionam com os conhecimentos necessários à aprendizagem da linguagem escrita e, dessa forma, servir para orientá-lo para organizar melhor as suas atividades, para adequar as atividades de ensino aprendizagem da escrita as reais necessidades desses sujeitos, observando as singularidades e as especificidades que envolvem os conhecimentos da alfabetização necessários para que os indivíduos se apropriem da escrita e de seus usos na sociedade.

Logo, se faz assertiva e eficiente a função da prática avaliativa utilizada pela docente, avaliar para melhorar o que está deficiente, ou evoluir ainda mais o que já está bom. A aplicação desta função favorece a continuação de boas atividades escolares e evita atividades que já possam estar em níveis intelectuais de conhecimento inferiores aos que o aluno esteja. Contribuindo assim, para a constante evolução educacional dos alunos cotidianamente, respeitando limites apresentados por cada um, retirando assim a necessidade de comparação entre os mesmos.

Diversidade avaliativa

A professora cita que na turma há uma grande diversidade entre os alunos, por isso a avaliação e atividades são propostas pensando nesta diversidade.

Sendo assim a professora vem falar sobre essa diversidade e como ela trabalha isto em sala. André (2001) diz que o professor deve, como animador, ajudar o grupo a construir sua identidade coletiva, aprender a trabalhar cooperativamente, tomar consciência das diferenças e desigualdades dos alunos e agir de acordo com elas. Desta forma a professora busca trabalhar essas diferenças, através de metodologias avaliativas diferenciadas. Observando em que fase da alfabetização este aluno está e como se dá o seu desenvolvimento, trazendo à tona os diversos níveis presentes em sala de aula.

Na fala da professora ficou evidente o empenho para alcançar o desenvolvimento potencial do aluno. Como afirma Afonso (2005, p. 166) “A entrega ao desejo de que o

educando cresça e se desenvolva possibilita ao educador o envolvimento com o processo do educando, estando sempre atento às suas necessidades. ” Desta forma, o diálogo constante e as observações acerca das dificuldades dos alunos nas atividades escolares diárias, caracteriza-se numa avaliação contínua, possibilitando um maior acompanhamento do desempenho do aluno no processo educativo. O que vem ser afirmado por Saul (2015, p. 1308) “Na estrutura de ciclos [...]. A reprovação, anteriormente presente na organização seriada, deu lugar a uma avaliação contínua dos educandos[...].” Assim sendo, a avaliação contínua presente na prática pedagógica da docente enriquece e favorece a aprendizagem dos alunos trazendo assim constante progresso para o desenvolvimento os mesmos.

A concepção de avaliação contínua, relatada pela professora, pede ao professor atenção para com cada aluno, como Hoffmam afirma (2009, p. 35) “[...] entender por reflexão o manter-se atento e curioso sobre as manifestações dos alunos e por agir a oportunização de situações de aprendizagem enriquecedoras. ” Visto isso, o professor deve estar atento a cada situação que esteja envolvida no processo, que leva ao resultado final de cada atividade, não desmerecendo o esforço do aluno para alcançá-lo e sim auxiliando a correção de erros e dificuldades que possam surgir no meio do processo.

Avaliação norteadada pela Escola SOL

Nota-se que a direção da escola SOL, não possui como base, a avaliação reducionista que segundo Hoffmam (2009, p 33) “avaliar seria julgar o resultado do trabalho da criança após o término da atividade”, a direção pede aos professores, que utilizem a avaliação que leva em consideração todo o processo para a construção do resultado final, não apenas o resultado final, como na prática de avaliação reducionista.

Stainle e Souza (2017, p.72) nos dizem que “o professor deve garantir o êxito dos alunos; portanto, deverá falar para ser compreendido e não para ser ouvido, tendo por intenção a formação do aluno e não somente a informação de conteúdos”. Com isso, são notórios a imensidão e o poderio de construção que o docente possui em suas mãos, sendo o responsável em auxiliar ou dificultar o crescimento socioeducacional do discente. Avaliar tornou-se uma das principais ferramentas para isto e através destas falas a docente em questão mostra a sua participação neste processo tão importante para a sociedade, de ajudar a construir bons e melhores cidadãos. Isto demonstra a preocupação da direção da escola em acompanhar o desenvolvimento da aprendizagem de cada aluno, de perto, não apenas através dos documentos legais preenchidos e entregues pelos professores ou pelas provas avaliativas respondidas pelos discentes, mas pela aproximação da relação direção e alunos.

Afonso (2005, p. 166) nos diz que:

A avaliação da aprendizagem necessita, para cumprir o seu verdadeiro significado, assumir a função de subsidiar a construção da aprendizagem bem-sucedida. A condição necessária para que isso aconteça é de que a avaliação deixe de ser utilizada como um recurso de autoridade, que decide sobre os destinos do educando, e assuma o papel de auxiliar o crescimento.

Assim sendo, é de suma importância esta atitude tomada pela direção da escola, de acompanhar e auxiliar de perto o desenvolvimento da aprendizagem de cada aluno, realizando assim também a premiação e exposição fotográfica dos que tiverem melhor desempenho nas avaliações bimestrais da escola, efetuando assim, maior incentivo para os alunos. Entretanto esta premiação para o aluno que teve “melhor” desempenho nas avaliações, não possui apenas o lado positivo de incentivo a este aluno, pois corre-se o risco de se gerar mais um método de exclusão educacional, onde os alunos que sentirem dificuldades em certos métodos de avaliação, poderão se sentir mais distantes desta premiação.

Nota-se que mesmo com o discurso da professora, de avaliar cada aluno como um e de forma processual, através da avaliação diagnóstica e contínua, ainda existe a comparação entre o desenvolvimento dos alunos da classe, por meio do projeto aluno destaque, para que seja “premiado o melhor”. Como toda competição, quem perde se sente inferior ao ganhador e o autor Dias Sobrinho (2003, p. 40 apud NASCIMENTO 2011, p.4) nos faz refletir “como se os pontos de chegada devessem ser equivalentes para todos e como se todos tivessem realmente as mesmas condições para competir”, logo evidencia-se o lado negativo deste projeto, onde ocorre a desvalorização do desempenho do aluno, que mesmo parecendo ser pouco, para a direção e professores, por não alcançar a meta para ser premiado, pode ser muito, para o aluno que se esforça para realizar as atividades cotidianas da escola.

■ CONCLUSÃO

Conclui-se, baseando-se na entrevista com a professora que a ela avalia seus alunos de forma diagnóstica, processual e contínua, levando em consideração todo o contexto escolar vivenciado pelos alunos, fazendo uma avaliação diagnóstica diariamente sobre cada aluno. Percebe-se que a docente e a gestão escolar, não estão imersas na avaliação como método punitivo, e tentam utilizar outro método para avaliar o desempenho do aluno, de modo, a valorizar todo o percurso realizado pelo mesmo, para obtenção do resultado final. Mesmo com a presença do projeto aluno destaque que, valoriza mais um aluno do que o outro. Isto se configura como uma grande evolução. Para estes graduandos, a discussão teórica realizada em sala de aula através da disciplina avaliação educacional, não está tão longe da realidade educacional cotidiana e que sim, é possível realizar outras formas de

avaliação em nossas futuras práticas como docentes. Acredita-se, que a avaliação pode ser um instrumento propulsor do ensino e aprendizagem.

Agradecimentos

Agradece a contribuição da professora LUZ, à direção da Escola SOL, aos orientadores da pesquisa e a todos aqueles que contribuíram para a construção desta obra científica, para que sirva de aporte para pesquisas futuras relacionadas a temática.

■ REFERÊNCIAS

1. AFONSO, Almerindo Janela. Avaliação educacional: regulação e emancipação. 3ª ed. São Paulo: **Cortez**, 2005.
2. ANDRÉ, M.A. (org.). Pedagogia das diferenças na sala de aula. Campinas: **Papirus**, 1999.
3. FILHO, José Amadeu da Silva et al. Avaliação educacional: sua importância no processo de aprendizagem do aluno. Campina Grande, **Realize Editora**, 2012. Em: http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/f7b399b81548477eec9e94f5cfccffc7_1919.pdf . Acesso em: 07 de outubro de 2019.
4. GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6.Ed. São Paulo: **Atlas**, 2008.
5. HOFFMAM, Jussara. Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista. 41ª ed. Porto Alegre: **Mediação**, 2009.
6. LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação em educação: questões epistemológicas e práticas. São Paulo: **Cortez**, 2018.
7. MINAYO, Maria Cecilia de Souza (org.) Pesquisa social. Teoria, método e criatividade de 18 ed. Petrópolis: **Vozes**, 2001. Em: http://www.faed.udesco.br/arquivos/id_submenu/1428/minayo__2001.pdf acesso em: 09 de outubro de 2019.
8. OLIVEIRA, Eliana de; Ens, Romilda Teodora; Freire Andrade, Daniela B. S.; Mussis, Carlo Ralph de. Análise de conteúdo e pesquisa na área da educação. **Revista Diálogo Educacional**, vol. 4, núm. 9, mayo-agosto, 2003, p. 1-17. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Paraná, Brasil. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=189118067002> . Acesso em: 26 de julho de 2022.
9. SAUL, Ana Maria. Na contramão da lógica do controle em contextos de avaliação: por uma educação democrática e emancipatória. São Paulo, v.41, dez., 2015, p. 1299-1311. Em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-9702201508143035> 1299. Acesso em: 08 de outubro de 2019.

10. SCHWARTZ, Cleonara Maria. Alfabetização, letramento e avaliação diagnóstica. Anais 17º COLE – Congresso de Oralidade, Leitura e Escrita do Brasil, Campinas: 2009. Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem13/COLE_2353.pdf acesso em 29 de julho de 2022.
11. STAINLE, Marлизete Cristina Bonafini. SOUZA, Nadia Aparecida De. Avaliação Formativa e o Processo de Ensino/Aprendizagem na Educação Infantil. Londrina, v.18, n,36, jan./abr. 2017. Em: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/eae/arquivos/1358/1358.pdf> . Acesso em: 07 de outubro de 2019.



VENDA PROIBIDA - ACESSO LIVRE - OPEN ACCESS

